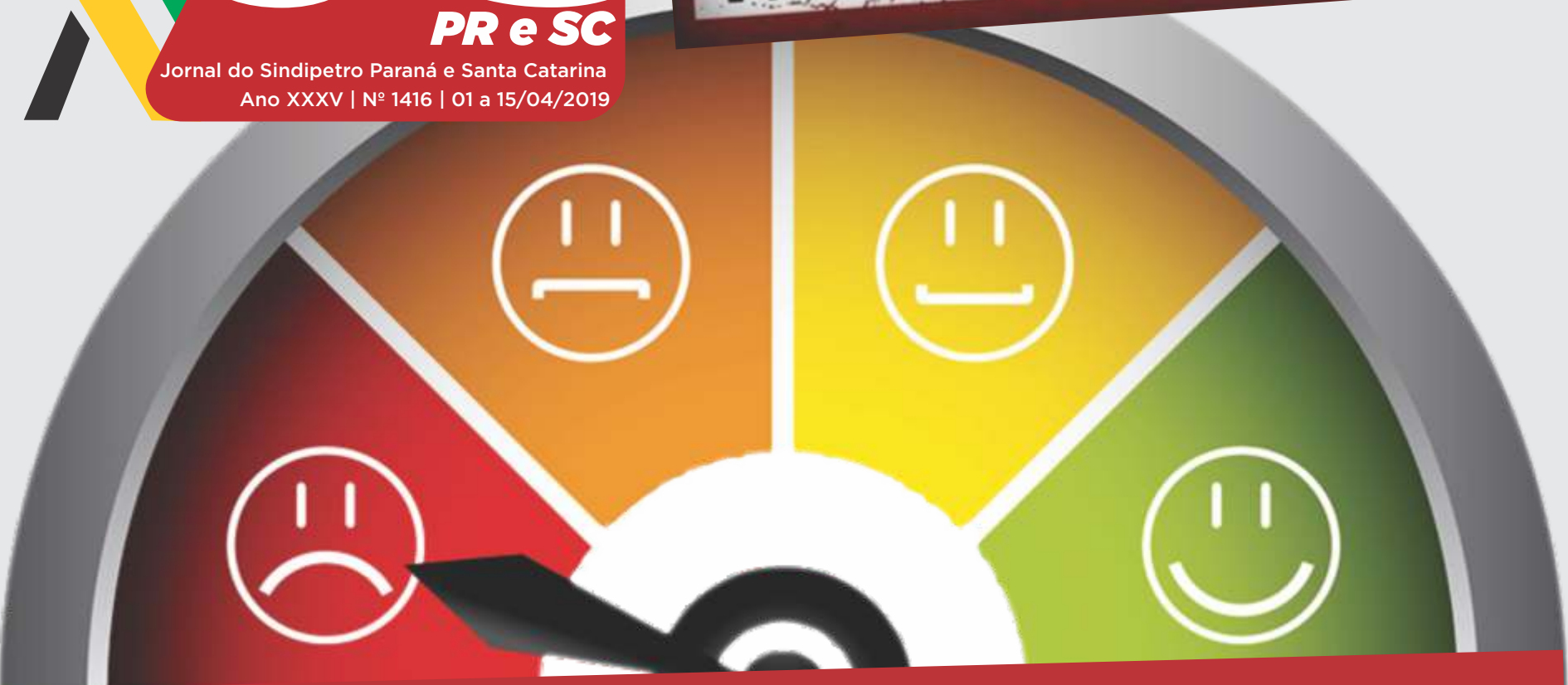


**PRIVATIZAR
NÃO É A SOLUÇÃO!**



Efeito das privatizações: serviços caros e ruins

Dados levantados entre os anos de 2000 e 2017 mostram que pelo menos 884 serviços, em 55 países, foram reestatizados. O motivo, segundo a organização responsável pelo estudo - Transnational Institute (TNI) – é que as empresas privadas priorizam o lucro,

umentam os preços e prestam serviços ruins.

Um fato curioso é que países centrais do sistema capitalista, como Alemanha, França e Estados Unidos, lideram a lista dos que mais reestatizaram.

► Pág. 2



ABAIXO A REFORMA

Petroleiros protestaram contra a reforma da previdência e as privatizações no Sistema Petrobrás.

► Pág. 4



GRINGOS RINDO À TOA

Americanos embolsam R\$ 37 bi com a venda de diesel para o Brasil entre 2017 e 2018. País já é o segundo maior comprador de Diesel dos EUA.

► Pág. 2

► Precarização

Situação do Tepar reflete o desmonte do Sistema Petrobrás

Gestão do Terminal absorveu toda a agenda de retrocessos adotada pela Companhia nos últimos anos.

O Terminal Aquaviário da Transpetro em Paranaguá (Tepar) está numa situação que sintetiza o que virou o Sistema Petrobrás nos últimos anos. O local contava com sete operadores em regime de turno; porém, após os últimos Planos de Incentivo à Demissão Voluntária (PIDVs) e aposentadorias sem reposição, restaram apenas cinco.

O último concurso, realizado em 2018, seria a oportunidade de repor o efetivo, mas somente foram contratados dois novos operadores para o Tepar. Como consequência, aumentaram as dobras de turno e a quantidade de horas extras praticadas.

Os dois novos operadores ainda não passaram pelo processo de formação básica, mas já estão em turno, agregados ao número mínimo de efetivo do Terminal.

Para piorar a situação, houve a terceirização do posto de trabalho no descarregamento de caminhões. Agora serão apenas quatro petroleiros próprios da operação por turno de revezamento. Isso implica na capacidade da equipe em atuar nas situações de emergência, pois também já foi terceirizado o posto de combate responsável pelo controle do Líquido Gerador de Espuma (LGE).

Para além da questão da segurança, a política de enxugamento causa a perda de boa parte do conhecimento técnico e ainda sobrecarrega aqueles que ficam, já que o número de trabalhadores é reduzido; mas o trabalho, não. O acúmulo de tarefas cresce e o sentimento de insegurança também.

Outro problema que agrava a situação é o corte drástico em investimentos no setor de refino e de transporte de derivados. Isso tem causado um aumento de falhas em equipamentos e consequente aumento no risco de acidentes ampliados.

Como a meta é cortar custos e reduzir investimentos, o principal fator de segurança passou a ser a sorte. É o risco assumido em troca dos indicadores de benchmark (processo de melhoria no desempenho de uma indústria, mas, em palavras mais francas, é a busca insana pelo lucro em detrimento da vida).

A situação dos demais trabalhadores do Tepar também reflete o

desmanche da empresa. Técnicos e engenheiros que ainda estão lotados em Joinville ou no Terminal de São Francisco do Sul (Tefran), mas trabalhando em Paranaguá, não sabem o que esperar do dia de amanhã. A reestruturação da Transpetro extinguiu setores inteiros e os processos de realocação está estagnado. A falta de informação sobre o futuro é desanimadora. Não sabem onde, tampouco no que trabalharão, e se continuarão empregados.

Precarização na terceirização

Os prestadores de serviços são os que mais sofrem com toda essa política de privatizações e de priorização dos resultados para os acionistas. **Novos contratos com salários rebaixados e, em algumas situações, sem receber o adicional de periculosidade, mesmo trabalhando dentro do Terminal, a poucos metros de tanques de combustíveis e esferas de GLP.**

Todos sentem na pele o resultado de uma política que prefere se desfazer de um mercado lucrativo para focar apenas na exploração e produção de petróleo. O cenário de abandono e de precarização é indignante.

Coação através da punição

Como se não bastasse, os gestores locais adotam posturas autoritárias através de um sistema de consequências que pune os trabalhadores, enquanto serve de escudo para a gestão. Tal sistema contribui para a diminuição de custos, mesmo que acarrete em riscos de acidentes ampliados.

Diante de tantos retrocessos nas relações de trabalho, o Sindicato estuda tomar as medidas legais cabíveis, como denunciar ao Ministério Público do Trabalho e impetrar ações na Justiça. Junto a isso, os trabalhadores têm que fortalecer sua união para resistir e superar esse cenário negativo.



Série de Bate-Papos Sindicais no Tepar apurou os problemas na unidade.

Americanos embolsam R\$ 37 bi com a venda de diesel para o Brasil

Enquanto americanos comemoram exportações, refinarias nacionais seguem subutilizadas.

Enquanto crescem os rumores de novas paralisações de caminhoneiros no país, o modelo de política de combustíveis adotado pelo governo Temer, e prosseguido por Bolsonaro, se mostra bastante lucrativo, só que para os gringos.



Dados extraídos da Agência Nacional de Petróleo (ANP) mostram que o Brasil importou em 2017 e 2018 aproximadamente US\$ 10 bilhões de óleo diesel. Apenas no ano passado, o país comprou US\$ 6,3 bilhões em diesel, quase tudo vindo dos Estados Unidos (84,3% do volume total).

A freguesia é tanta que o Brasil virou o segundo maior destino das exportações americanas de diesel. Segundo a U.S. Energy Information Administration (EIA) - a Agência de Energia dos EUA - as exportações para o Brasil cresceram 221% em quantidade desde 2013. O volume adquirido pelo país é de 15% de todo o diesel vendido pelos EUA no mercado internacional, muito próximo do líder México, que responde por 18%. Em 2013, o Brasil comprava 5,7% do diesel gringo.

O grande salto observado nas exportações americanas de diesel para o Brasil ocorreu em 2016 e as importações brasileiras de gasolina e diesel, somadas, experimentaram um forte crescimento em 2017 e 2018 (batendo volumes recordes), apesar da recessão econômica observada no mesmo período.

Ao mesmo tempo, a produção nacional de derivados está estagnada há mais de 10 anos. Em 2018, o Brasil produziu 631 milhões de barris de petróleo em derivados. Como a demanda tem subido de maneira consistente no mesmo período, apesar da estagnação da economia, a produção nacional de derivados tem ficado cada vez mais deficitária, o que explica o aumento das importações.

Enquanto tínhamos um superávit de 114 milhões de barris em 2006, ou seja, produzíamos mais derivados do que a demanda, a partir de 2010 começamos a perder terreno, e a demanda foi ficando cada vez maior que a nossa produção. Em 2018, o déficit entre produção e demanda é de 111 milhões de barris.

Um agravante para o *boom* das importações de diesel dos Estados Unidos foi a estagnação do parque de refino nacional a partir de uma política proposital do governo de reduzir a produção nas refinarias. De acordo com o relatório "Volume de Petróleo Refinado nas Refinarias Nacionais" da Agência Nacional do Petróleo (ANP), em 2014, ano em que as unidades operavam próximo à capacidade máxima, o país refinou 769 milhões de barris de petróleo. Em 2018, foram processados pelas refinarias nacionais 632 milhões de barris, uma redução de aproximadamente 20%.

O processo político dos últimos anos, com impeachment, Lava Jato e instauração, por fim, de um governo ultraliberal e entreguista, serviu à perfeição aos propósitos das grandes indústrias norte-americanas especializadas em refino de petróleo.

Enquanto isso, os números do PIB e do emprego (o país tem cerca de 13 milhões de desempregados) mostram que a economia experimenta, nos últimos três anos, uma grave crise econômica. Concomitantemente, os grandes bancos nacionais e as refinarias norte-americanas nunca ganharam tanto dinheiro no Brasil.

► Privatizações

Pagar caro por serviço ruim

Esse é o saldo global das privatizações. Mais de 800 empresas foram reestatizadas desde 2000.

Em tempos de esclerose de boa parte da opinião pública, estudos concretos podem jogar luz ao debate e ajudar a desmistificar “verdades absolutas”.

É o que acontece com as privatizações. Pregadas pela lógica mercadológica como a solução efetiva para todos os problemas da humanidade, sobretudo a corrupção, o que se percebeu foi o aumento dos preços e a queda da qualidade dos serviços.

Quem prova é o TNI (Transnational Institute), organização sem fins lucrativos fundada em 1974, com sede em Amsterdã, na Holanda, que realiza estudos em democracia e sustentabilidade.

O TNI levantou dados entre 2000 e 2017 e observou que pelo menos 884 serviços foram reestatizados no mundo. A razão, de acordo com o instituto, é a priorização do lucro pelas empresas privadas, que aumentam os preços e prestam serviços ruins.

A forma mais trivial de reestatização é o término de contratos de concessão, que não são renovados. A tendência de tirar das mãos de empresas privadas serviços essen-

Países que mais reestatizaram serviços, entre 2000 e 2017

1	Alemanha	348
2	França	152
3	Estados Unidos	67
4	Reino Unido	65
5	Espanha	56

Mapa das reestatizações

■ Países que reestatizaram serviços



Fonte: Transnational Institute (TNI)

Arte/UOL

Países que mais reestatizaram



1º Alemanha

348 REESTATIZAÇÕES - O grosso dos processos na Alemanha aconteceu no setor de energia: dos 348 serviços que voltaram das mãos privadas para a estatal nas décadas de 2000 e 2010, 284 envolviam abastecimento de eletricidade, gás ou aquecimento.



2º França

152 REESTATIZAÇÕES - A França foi uma espécie de estopim para os vários processos de reestatização que começaram a se espalhar pela Europa depois que Paris, em 2008, optou por não renovar a concessão dos serviços de água e esgoto da cidade. Um estudo de 2013 da entidade de defesa dos consumidores UFC Que Choisir apontou que, consideradas as cidades francesas com mais de 100 mil habitantes, aquelas com as menores tarifas de água tinham gestão pública, enquanto as mais caras tinham, majoritariamente, administração privada.



3º Estados Unidos

67 REESTATIZAÇÕES - Contratos de água e de energia são alguns dos que foram revertidos em cidades espalhadas por estados tão diversos quanto Flórida, Havaí, Minnesota, Texas, Nova York e Indiana. Uma das primeiras a fazer algo do gênero, a cidade de Atlanta cancelou em 2003 a concessão de água feita em 1999. O contrato era previsto para durar até 2019, mas reclamações de falta de água e má qualidade o interromperam 16 anos antes.

ciais à sociedade teve seu “boom” a partir de 2009, com 83% dos casos registrados a partir daquele ano, revela a pesquisa do TNI.

De acordo com o levantamento, ao menos 55 países tiveram algum processo de reestatização durante o período compreendido pelo estudo. Uma informação curiosa é que países centrais do capitalismo,

como Alemanha, França e Estados Unidos, lideram a lista dos que mais “desprivatizaram”.

Todos os registros foram compilados no relatório “Reconquistando os serviços públicos”. Veja exemplos nos cinco países que lideram a lista e o número de reestatizações já registradas em cada um deles.



4º Reino Unido

65 REESTATIZAÇÕES - Um dos primeiros países do mundo a elaborar e testar contratos de Parcerias Público-Privadas (PPPs), o Reino Unido foi também pioneiro em revisá-los: em 2010, a TfL, a agência pública de transportes, anunciou o rompimento da PPP para a expansão do metrô que tinha desde 2003. A cidade pagou 310 milhões de libras para comprar de volta a parte da parceira privada, sob o argumento de que, sem a complexidade do contrato misto, teria mais agilidade e menos custos para dar continuidade ao projeto de melhorias e expansão no metrô londrino.



5º Espanha

56 REESTATIZAÇÕES - A distribuição de água também é um dos setores que está no foco das prefeituras na Espanha - especialmente depois que, em 2015, o Tribunal Superior de Justiça da Catalunha anulou a mega concessão da rede de saneamento da região metropolitana de Barcelona feita três anos antes. Além de acusações de que o leilão não teria sido transparente, muitos moradores sentiram também o peso no bolso: um levantamento do Tribunal de Contas da Espanha mostrou que, em 2011, o custo médio por habitante da manutenção das redes de água geridas pela iniciativa privada era 21,7% mais caro que daquelas controladas diretamente pelo município.

► Dia Nacional de Luta

Abaixo a reforma da previdência

22 de março ficou marcado por protestos em todo país no que ficou conhecido como o Dia Nacional de Luta em Defesa da Aposentadoria, convocado pela CUT e demais Centrais Sindicais.

Os petroleiros da Refinaria Presidente Getúlio Vargas (Repar), em Araucária-PR, e da Usina do Xisto, em São Mateus do Sul-PR, participaram do protesto contra a reforma da previdência do governo Bolsonaro e contra a privatização do Sistema Petrobrás. As manifestações atrasaram a entrada do turno e do expediente administrativo.

Para o presidente do Sindipetro PR e SC, Mário Dal Zot, é hora de arregañar as mangas e ir à luta para impedir a agenda de retrocessos do governo Bolsonaro. “Extinguir a aposentadoria por tempo de serviço, colocar idade mínima próxima à expectativa de vida e ainda exigir 40 anos para concessão de 100% do benefício significa acabar com a previdência pública brasileira. Se quisermos manter nossos direitos, temos que fazer muita mobilização, tomar as ruas em protestos e construir a greve geral. Vamos lutar até as últimas consequências para barrar essa nefasta proposta de reforma”, afirmou.

O petroleiro e secretário nacional de comunicação da CUT, Roni Barbosa, participou do ato na Repar e disse que “a proposta de reforma da previdência de Bolsonaro é tão ruim que é pior que a proposta de Michel Temer. Para barrar a reforma do Temer fizemos inúmeras manifestações e uma greve geral em 2017, que parou o Brasil, essa proposta em trâmite também vai requerer esforços de todas as categorias e de todos os trabalhadores para que a gente consiga barra-la também”.

A luta contra a reforma da previdência e contra a privatização da Petrobrás foi debatida pelo Sindicato nas demais bases do Sistema Petrobrás no Paraná e Santa Catarina nos dias seguintes, durante as assembleias que estavam em curso.



Protesto na Repar

Espaço Cultural

► Literatura

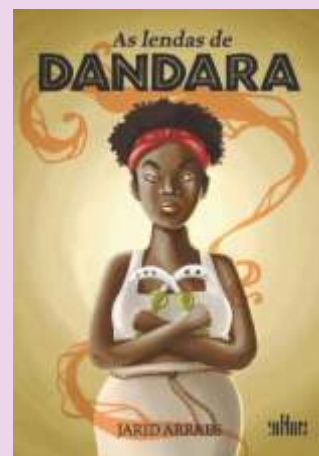
As lendas de Dandara

As Lendas de Dandara é um livro que mistura ficção, história e um toque de fantasia, onde são narrados dez contos sobre a guerreira quilombola Dandara dos Palmares, companheira de Zumbi dos Palmares. Escrito por Jarid Arraes e ilustrado por Aline Valek, o livro conta sobre a vida de Dandara desde o seu nascimento, explicando sua origem, suas conquistas e suas lutas.

Com muita aventura, suspense, acontecimentos sobrenaturais e até um pouco de romance, a autora conta de uma maneira mágica a forma como Dandara, desde sua infância, fez feitos dignos de uma lenda.

Os contos são inspirados em fatos reais da história do Brasil e valorizam a cultura afrobrasileira e a memória de Dandara, tão frequentemente esquecida da historiografia oficial e cuja existência é cercada de controvérsias. Devido a escassez de dados oficiais a seu respeito, a autora sentiu a necessidade de criar narrativas que pudessem inspirar os leitores e espalhar a imagem de uma guerreira negra forte, heroica e protagonista da própria história.

O livro está disponível para empréstimo gratuito aos associados na Biblioteca do Sindipetro Paraná e Santa Catarina, na Sede de Curitiba.



► Cinema

Batismo de Sangue

Um dos filmes nacionais mais fortes, tanto pela temática quanto pelo trabalho dos atores, excelentes em seus papéis, é o “Batismo de Sangue” (2007), inspirado no livro homônimo escrito por Frei Betto.

Ele conta a história dos frades dominicanos Tito, Oswaldo, Fernando e Ivo, além do próprio Betto, que no fim da década de 1960 auxiliaram a Ação Libertadora Nacional (ALN), liderada pelo guerrilheiro Carlos Marighella, um dos principais líderes da resistência armada contra os militares que tomaram o poder no Brasil a partir de 1964, com o Golpe Militar.

Dirigido pelo cineasta Helvécio Ratton, o filme chama a atenção porque mostra a face mais cruel da Ditadura no Brasil: a tortura institucionalizada pelos aparelhos repressivos, que vitimou milhares de pessoas e deixou marcas até em quem jamais sofreu qualquer tortura, tamanho o medo que despertou até naqueles que só ouviam falar dos acontecimentos.



Internet e Redes Sociais

whatsapp
41 99197-8700
*Cadastre-se: adicione na agenda do seu celular e envie uma mensagem c/ nome e local de trabalho.

twitter.com
@SindipetroPRSC

facebook
facebook.com/sindicatodospetroleiros

e-mail
faleconosco@sindipetroprsc.org.br
página na internet
sindipetroprsc.org.br

Sede de Curitiba: (41) 3332.4554 Regional Paranaguá: (41) 3424.0255
Regional Joinville: (47) 3025.4014 Regional São Mateus: (42) 3532.1445

JS Expediente

O Jornal do Sindipetro é o órgão oficial de comunicação do Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias de Refinação, Destilação, Exploração e Produção de Petróleo nos Estados do Paraná e Santa Catarina, com Sede em Curitiba, na rua Lamenha Lins, 2064, CEP 80220. Tel: (41) 3332-4554. E-mail: faleconosco@sindipetroprsc.org.br. Regional Sindical de São Mateus do Sul: rua Paulino Vaz da Silva, 535, CEP 83900-000. Tel: (42) 3532-1445. E-mail: saomateus@sindipetroprsc.org.br. Regional Sindical de Paranaguá: rua Odilon Mader, 480, bairro Estradinha, CEP: 83206-080. Tel: (41) 3424-0255. E-mail: paranagua@sindipetroprsc.org.br. Regional Sindical de Joinville: rua Elly Soares, 127, sala 2, bairro Floresta. CEP: 89211-715. Tel: (47) 3025-4014. E-mail: joinville@sindipetroprsc.org.br. Jornalista Responsável: Davi S. Macedo (Mtb 5462 SRTE/PR)

Impressão: WL Impressões | Tiragem: 2,1 mil exemplares | Distribuição gratuita e dirigida.